

Economia Política, Capitalismo e Socialismo

Sub-área 6

Valor, Preço e distribuição

SUBMETIDO ÀS SESSÕES ORDINÁRIAS

Resumo

O objetivo deste trabalho é diferenciar Marx e Keynes no que tange ao problema do desemprego. Procura-se argumentar que qualquer tentativa de assemelhar as duas visões é desprovida de fundamentos teóricos. Isso porque, primeiro, como se argumenta no trabalho, o conceito de desemprego de Keynes corresponde ao desemprego de capacidade instalada enquanto para Marx o conceito o desemprego de capacidade instalada constitui apenas uma fração do que ele denomina de superpopulação relativa. Segundo, porque para Keynes a causa do desemprego é o dinheiro cuja eficiência marginal se situa acima da eficiência marginal dos ativos passíveis de produção e substituição e, portanto, impede a expansão da produção daqueles ativos, enquanto para Marx a razão de existência do exército industrial de reserva é o próprio capital: a relação antagônica entre capital e trabalho no processo de trabalho; a relação antagônica entre capital e capital em concorrência, a concorrência entre D-M-D e M-D-M e a progressiva destruição das fontes de circulação simples de mercadorias onde se aninham setores latentes da superpopulação relativa, assim como outros fatores todos relacionados à categoria capital e não à categoria dinheiro.

Dinheiro e desemprego versus capital e desemprego

Marx contra Keynes

I. Introdução

A obra de redução de Marx a Keynes já foi observada e criticada anteriormente por outros autores.¹ Este artigo é parte do esforço contrário de distinguir os dois autores enfatizando precisamente o fato de que suas teorias têm origens radicalmente diferentes, métodos diferentes e escopos completamente incompatíveis. Não é difícil encontrar na literatura os exemplos de tentativa de identificação entre as duas abordagens. Kenway (1983 p. 165), por exemplo, afirma, em relação à teoria da possibilidade da crise, que uma vez revelada a significância das injeções e vazamentos monetários, “Marx e Keynes estão de acordo e ademais em oposição aos seus antecessores clássicos e aos seus contemporâneos”.²

Em primeiro lugar é preciso salientar que a crítica de Marx e de Keynes aos seus predecessores e contemporâneos é de natureza bastante diferente. A crítica de Marx a Ricardo, ao propor a possibilidade de interrupção da metamorfose da mercadoria como fundamento da possibilidade de crise e de super-produção generalizada de mercadorias, é parte do método de evolução da análise do abstrato ao concreto, método que requer concretizações sucessivas capazes de fornecer à possibilidade de crise inscrita na mercadoria como relação social sua realidade iminente. Essas concretizações aparecem ao longo da obra econômica de Marx, mas não como empreendimento especificamente ligado ao desenvolvimento da teoria da crise, tarefa a que Marx se havia proposto como parte do plano de sua obra econômica, mas à qual não pode voltar.

Em Keynes, a introdução do dinheiro enquanto ativo de capital, em contraste com a irrelevância do dinheiro na teoria com a qual se educou, provoca de imediato o resultado

¹ Ver a esse respeito Germer (1996).

² “At the high point of possibility theory, with the significance of monetary injections and leakages uncovered, Marx and Keynes stand in basic agreement and moreover, in opposition to their classical predecessors and contemporaries”. Admite, porém, a existência de diferenças entre eles, mas alhures, quando completa: “This is in spite of the fact that on most other aspects, there are major differences between them” (Kenway, 1983 p.165).

crítico de possibilidade de falta de demanda efetiva, bastando para tal que o seu retorno seja maior que o retorno dos outros ativos. Assim, a taxa de juros do dinheiro, ao invés de constituir um mecanismo do equilíbrio de pleno emprego, se transforme no *pivot* da teoria do equilíbrio de desemprego.

II. Dinheiro e desemprego em Keynes

1. Teoria da taxa de juros de Keynes

Keynes define a taxa de juros de qualquer ativo em termos dele mesmo como a quantidade a ser entregue daqui a fim de um período de tempo estipulado que tenha o mesmo valor de troca que a quantidade contratada hoje.³ Aplicado ao dinheiro isso significa que a taxa de juros sobre o dinheiro é o ganho que induz o possuidor de dinheiro a separar-se dele durante um período de tempo determinado (Keynes, 1964, p.167).

2. Dinheiro é a causa do desemprego

Se a taxa de juros do dinheiro for superior à taxa de juros dos ativos não líquidos, então, não haverá demanda para esses ativos e eles não serão produzidos. Teremos desemprego. A causa do desemprego é o dinheiro. Não é o capitalismo a causa do desemprego, mas sim o dinheiro.

A causa do desemprego é o dinheiro porque o dinheiro tem características peculiares que impedem que sua eficiência marginal caia quando está acima dos outros ativos. Quando isso acontece a demanda pelos outros ativos se estagna pois é preferível manter a posse do dinheiro do que trocá-lo pela posse de ativos cujos rendimentos provenientes seja da valorização (a), seja do rendimento (q), estão abaixo do rendimento do

³ “For there is a definite quantity of (e.g.) wheat to be delivered a year hence which has the same exchange value to-day as 100 quarters of wheat for “spot” delivery” (Keynes, 1964, p.222).

dinheiro (I). O nível de investimento que resulta pode ser inferior ao nível compatível com a demanda de pleno uso da capacidade. Eis a causa do desemprego em Keynes.

Se o dinheiro pudesse ser produzido então a diminuição de sua eficiência marginal abriria espaço para a produção de outros ativos cujas eficiências marginais agora se situariam acima da eficiência marginal do dinheiro. O dinheiro é, portanto, a barreira que impede que a produção dos outros ativos aumente e, portanto, impede que caiam suas eficiências marginais. Assim, o aumento do emprego estaria associado à diminuição da eficiência marginal do capital.⁴

3. Mas afinal que desemprego?

Desemprego em Keynes é definido em termos da capacidade de emprego de uma determinada capacidade produtiva instalada. Se o nível de investimento – já que os ativos podem não serem produzidos – é insuficiente para gerar uma demanda capaz de empregar toda a capacidade produtiva então haverá desemprego de capacidade, definido como aquela quantidade de postos de trabalho disponível em termos de capacidade produtiva instalada mas não utilizada devido à insuficiência da demanda efetiva.⁵

São as variações do investimento tal como afetam a demanda agregada que determinam as expansões e depressões e, por conseguinte, o nível de emprego. Em Keynes estamos restritos à questão do nível de emprego determinado pela demanda efetiva agregada tal como emana da relação entre a taxa de juros do dinheiro e a taxa de juros dos ativos reproduzíveis.

4. Sem dinheiro não há desemprego

Chega-se então à conclusão de que se não houvesse dinheiro todos os ativos teriam suas produções expandidas até o ponto de pleno emprego da capacidade produtiva. Uma

⁴ Diferentemente de Marx para quem a diminuição da taxa de lucro está associada à diminuição do ritmo de crescimento da demanda de trabalho, como se argumentará a seguir.

⁵ Definição essa mostrada insuficiente por Domar (1957).

vez que os outros ativos são reproduzíveis, a eliminação do dinheiro permitiria a expansão da produção daqueles ativos até que todos apresentassem a mesma taxa de retorno. Capacidade produtiva subutilizada significa que a produção pode aumentar que aumentará o retorno. Assim a utilização da capacidade produtiva se expandiria até o ponto de pleno uso. Numa economia de escambo as taxas de juros dos vários ativos de capital se equilibrariam! Uma economia plenamente capitalista de escambo!

III. Capital e desemprego em Marx

1. As origens da super-população relativa

Antes de mais nada, é necessário dizer que a produção de uma população excedente em relação às necessidades de força de trabalho por parte do capital, em Marx, é concebida sem nenhum recurso à teoria do dinheiro e do crédito. Pelo contrário, a produção de uma superpopulação relativa se deriva de fatores independentes do dinheiro ou crédito, mas nos quais o crédito pode atuar como coadjuvante. Esses fatores podem ser divididos em quatro categorias:

1. A luta pela subordinação do trabalho ao capital, luta essa que se materializa na mecanização do processo de produção;
2. A luta entre capitais concorrentes pela mais valia extraordinária, luta essa que leva à adoção de técnicas cada vez mais intensivas em capital constante, notadamente o capital fixo;
3. A diminuição do ritmo de acumulação ao aumento dos salários, processo que marca a flutuação cíclica e a correspondente variação da camada flutuante do exército industrial de reserva;
4. A reação da mecanização à escassez de trabalhadores e aumento dos salários, processo que contém o aumento dos salários dentro de limites próximos ao valor da força de trabalho;

5. O efeito da mecanização, aumento da produtividade, aumento da escala, etc. e conseqüente redução de custos sobre os pequenos produtores e comerciantes, processo que amiúda os leva à ruína e, portanto, ao mercado de trabalho como vendedores de força de trabalho.

No item 2 o crédito se apresenta como um elemento importante, mas longe de ser um análogo de Keynes como causa do desemprego. Trata-se do capital dinheiro comprado e vendido como mercadoria no mercado de dinheiro, capital esse que serve de espora da concorrência na medida em que permite aumentar a taxa de lucro vis-à-vis os concorrentes e, desse modo, diminuir os preços.

Todos os elementos citados acima agem no sentido de diminuir a taxa de crescimento da demanda de trabalho e, nesse sentido, são elementos que operam no sentido de produzir um aumento no exército industrial de reserva. Na medida em que o aumento do exército industrial de reserva causa uma redução dos salários ele força um aumento do número de elementos da família que necessitam vender sua força de trabalho para compor o valor da força de trabalho familiar. Como isso é impossível no agregado acabam aumentando outras formas do exército industrial de reserva como, por exemplo, o trabalho temporário, o trabalho irregular, formas *M-D-M* de auto-emprego, enquanto, ao mesmo tempo as formas latentes se fazem sentir. Essa inter-relação das diversas formas que apresenta o exército industrial de reserva mostra a necessidade de uma análise dinâmica e histórica da sua evolução.

Por outro lado, a compensação do ritmo de aumento da composição técnica do capital pelo aumento do ritmo de crescimento é possível somente dentro de limites determinados. Primeiro, essa compensação é possível na medida em que a acumulação é independente da massa de mais valia; segundo, na medida em que o aumento da taxa de mais valia compense o aumento da composição do capital. Esgotadas essas possibilidades, o ritmo de crescimento máximo é dado pela taxa de lucro. Se a taxa de lucro apresenta um decréscimo secular, então, o ritmo de crescimento máximo também apresenta uma tendência ao declínio. A taxa de crescimento não pode, portanto, ser vista como uma compensação que opera ao mesmo nível da lei que gera o aumento da superpopulação relativa pelo simples motivo de que a taxa de crescimento é influenciada negativamente

pelo mesmo processo que gera a superpopulação relativa, vale dizer, o aumento da composição orgânica do capital.⁶

2. Possibilidade de crise e método em Marx

A possibilidade de crise apontada por Marx a partir da análise da metamorfose da mercadoria, $M - D - M$, difere metodologicamente da inclusão do dinheiro no arcabouço neoclássico realizada por Keynes como crítica à neutralidade do dinheiro e à teoria do pleno emprego.

Para Marx, se a possibilidade de crise não estivesse inscrita na metamorfose da mercadoria não poderia aparecer na metamorfose do capital já que esta última se compõe exatamente das mesmas fases na ordem invertida: $D - M - D'$.

Marx, porém, é claro a respeito do que entende por possibilidade de crise. A possibilidade de crise tal como emerge da análise da metamorfose da mercadoria não possui conteúdo suficiente para explicar as crises. Falta-lhe uma série de concretizações para que a possibilidade da crise se converta, em teoria, na realidade da crise. Essa antítese entre compra e venda implica a possibilidade de crise, mas a realidade da crise requer uma longa série de relações (Marx, 1967 p.114).

3. Dinheiro e capital em Marx

Pareceria, à primeira vista, que a análise da possibilidade da crise implícita na separação da metamorfose da mercadoria em compra e venda seria a confirmação de que também em Marx o motivo último da crise é o dinheiro.

A aparência de igualdade com o tratamento de Keynes advém do fato de que após a venda o dinheiro pode não ser utilizado imediatamente para a compra. Assim seria o fato de

⁶ Curiosamente Shaikh (1983, p.422-3) apresenta a taxa de acumulação como um fator de mesmo status que a mecanização na determinação das flutuações da superpopulação relativa. Além do mais, ele enfatiza somente a fração flutuante da superpopulação relativa, enquanto Marx dá igual importância às outras frações.

que o dinheiro permite interromper a metamorfose da mercadoria a causa da crise e do desemprego. Igualmente, poderíamos dizer que numa economia de escambo não haveria a possibilidade de crise já que compra e venda constituiriam uma unidade imediata. Tampouco haveria a possibilidade do desemprego.

A importância da abordagem de Marx está em ser uma crítica à visão de Ricardo de que não pode haver superprodução de mercadorias porque sempre se produz com o intuito de comprar. O que Marx procura mostrar é que essa unidade entre venda e compra pode não ser imediata. Mas Marx é claro sobre o fato de que não há conteúdo para explicar a crise. Mas é algo de fundamental importância que a possibilidade da cisão entre compra e venda esteja inscrita na célula fundamental da sociedade capitalista, na mercadoria.

Para Marx o dinheiro existente na economia faz alternativamente as funções de mero meio de circulação e de fase específica do circuito do capital. Na circulação da renda o dinheiro comparece como simples meio de circulação. Enquanto fase do circuito do capital o dinheiro representa apenas valor cuja expansão requer o abandono contínuo da forma dinheiro. Aqui a liquidez é apenas uma necessidade técnica do valor em expansão, necessidade essa que reduz *pro rata* a taxa de lucro, pois representa uma estagnação relativa do valor e, portanto, a necessidade de uma massa de capital acrescida para a extração de uma dada quantidade de mais valia. Daí que o capital tem uma tendência a reduzir a liquidez ao longo do circuito através de vários mecanismos que no interior deste artigo podem apenas ser mencionados *en passant*.⁷

4. A taxa de juros em Marx

Como em Keynes o dinheiro tem elasticidades de produção e substituição desprezíveis, a normalidade é que sua taxa de retorno supere ou no máximo seja igualada pela taxa de retorno dos outros ativos, ou seja, $l > q$. Os ativos são produzidos até o ponto no qual seu rendimento empata com o prêmio de liquidez que é o rendimento do dinheiro,

⁷ São eles a redução do fundo de acumulação devido à socialização da mais valia pelo desenvolvimento do sistema bancário; o aumento da velocidade de rotação do capital circulante, entre outros.

subjetivamente avaliado. É a normalidade que o dinheiro funcione como causa do desemprego.

Para Marx uma vez que a relação capital é dominante o dinheiro assume um novo valor de uso, o de funcionar como capital. Como supomos uma divisão entre os que têm capital monetário e os que usam esse capital produtivamente é claro que a mais valia extorquida à classe trabalhadora tem que ser dividida entre essas duas frações da classe capitalista.

O juro é, então, uma parte da mais valia e, portanto, a taxa de juros deve ser necessariamente uma fração da taxa de lucro média da economia. A taxa de juros se situa entre o limite máximo da taxa de lucro média e um limite mínimo indeterminável. Em condições normais o limite máximo da taxa de juros é a taxa média de lucro da economia.⁸

Os empréstimos de capital, sejam em qual forma se dêem, se reduzem sempre a empréstimos de uma determinada quantia medida em dinheiro de conta. Por exemplo, o empréstimo de uma máquina. Empréstimo-se na forma de valor de uso, mas o cômputo do capital de empréstimo não pode ser realizado em termos de valor de uso. Tem que ser contabilizado em termos de valor. Representa uma determinada quantia de capital. Não se trata, pois, da taxa de retorno da máquina em termos de máquina, mas sim da taxa de juros aplicada a um empréstimo de valor determinado na forma de uma máquina. Se o retorno sobre os ativos é o retorno sobre o valor calculado em dinheiro de conta, então, as mesmas leis que se aplicam ao capital portador de juros devem aplicar-se aos capitais emprestados na forma de ativos tangíveis. Se assim é, então, o retorno (q) dos ativos tangíveis também devem situar-se abaixo da taxa de lucro média da economia.

Como a teoria das taxas próprias de juros constitui a base fundamental da teoria monetária da produção de Keynes, uma digressão crítica se faz necessária. Como tudo pode ser reduzido à sua expressão de valor em dinheiro de conta então parece que qualquer coisa tem a taxa de juros em termos dela mesma. O valor de troca de 100 *quarters* de trigo hoje é o valor de 100 *quarters* de trigo hoje. A quantidade a ser entregue daqui a um ano que

⁸ Ao argumentar porque não há possibilidade de igualação entre j e l em Marx, Itoh diz: “The determinants of both rates are quite separate. Perfect mobility and convertibility between loanable money capital and real (industrial and commercial) capital is indeed too abstract and formalistic an assumption to be actual. Industrial and commercial capitals with more or less fixed capital, cannot actually be formed by converting loanable money capital of any size and length of term, nor can they easily be converted into loanable capital as a whole” (Itoh, 1988 pp.274-5).

tenha o mesmo valor que 100 *quarters* de trigo hoje é simplesmente $j' \cdot 100 \text{ quarters}$, desde que o valor do trigo não mude. Isso significa que em média os indivíduos de uma sociedade têm uma taxa subjetiva intertemporal de preferência entre trigo hoje e trigo daqui a um ano: quanto a mais trigo daqui a um ano me faz renunciar ao trigo hoje? Ao suprimir j' as taxas próprias de juros viram avaliações puramente subjetivas, o que de fato são na teoria de Keynes.

5. Taxa de juros, taxa de lucro e acumulação

A diminuição da taxa de lucro em Marx nada tem a ver com a diminuição da eficiência marginal do capital de Keynes. A Diminuição da taxa de lucro em Marx não se explica pela diminuição do preço do produto à medida que a produção aumenta nem pelo possível aumento do preço dos bens de capital à medida que a demanda por eles se acresce. Os preços dos bens de capital, assim como os preços dos produtos por eles produzidos são regulados pela lei do valor. Ao contrário da explicação de Keynes para quem os bens de capital aumentam de preço e os bens de consumo finais diminuem, para Marx ambos os preços apresentam uma tendência a cair que reflete o aumento generalizado da produtividade do trabalho. Por isso trabalha com a noção de composição orgânica como reflexo da composição técnica: se ambos os preços caem então a composição de valor do capital reflete o progresso da composição técnica.

A taxa de lucro em Marx tende a diminuir devido à impossibilidade de que o aumento da taxa de mais valia possa compensar continuamente o aumento da composição orgânica do capital. O emprego no longo prazo marxista sofre com a queda da taxa de lucro, pois ela faz cair igualmente a taxa de crescimento da economia. Uma economia que devido ao aumento da composição c/v deveria apresentar taxas de crescimento crescentes para compensar a diminuição do ritmo de crescimento da demanda de trabalho apresenta, de fato, taxas de crescimento decrescentes. Assim, aumenta o exército industrial de reserva, fenômeno que Marx denominou de *lei geral da acumulação capitalista*.

No curto prazo, a sorte da classe trabalhadora não se decide pelo dinheiro, mas por quanto lucro o dinheiro *enquanto capital* pode gerar. Sua sorte está ligada à lucratividade geral da economia, pois essa determina a taxa de crescimento.

Ao longo do ciclo tem um papel importante a diferença entre l' e j' . Essa diferença pode fazer com que o ritmo de acumulação de capital supere o ritmo de aumento da composição orgânica do capital, absorvendo dessa forma mais indivíduos empobrecidos do campo, mulheres anteriormente ocupadas na produção doméstica e, claro, a parte flutuante anteriormente exposta ao desemprego cíclico.

Porém, quanto maior for a diferença entre a taxa de lucro e a taxa de juros mais os capitais se interessarão em obter crédito, ou seja, crescer com capital alheio. Isso faz com que a fase de expansão econômica seja marcada por uma elevação do endividamento e da taxa de juros. As condições de crise vão se formando à medida que os capitais em conjunto procuram dar o passo maior do que a perna, i.e., acumular além do que o fundo de acumulação permite. Os bancos se expõem com demasiado crédito e as empresas se expõem com demasiado débito. Essa descrição nos dá uma idéia do movimento cíclico de atração e repulsão da força de trabalho pelo capital de acordo com suas fases de expansão e depressão. Mas vejamos como se comporta a tendência secular.

6. Concorrência, centralização e composição técnica do capital

O movimento de acumulação de capital se manifesta como um processo de concentração de capital que nada mais é do que a transformação regular da mais valia acumulada na forma dinheiro em capital produtivo adicional. Se manifesta também como formação de novos capitais a partir de fortunas acumuladas; e também na forma da divisão de capitais já existentes.

Ao mesmo tempo em que o processo de concentração de cada capital individual depende do movimento de acumulação dos outros capitais, dentro de um ramo específico a existência de outros capitais representa um limite ao crescimento do capital individual. O limite ao crescimento do capital individual dado pelo ritmo de crescimento do capital social total se manifesta para cada capital individual como um limite imediatamente determinado

pelos outros capitais do seu ramo. Assim, a tentativa de superar o limite imposto pelo crescimento agregado se apresenta como luta pela ocupação progressiva de mercado à custa dos capitais concorrentes. E essa luta é travada através da diminuição do preço de custo das mercadorias e o conseqüente aumento da margem de lucro disponível. A anexação dos concorrentes é o processo de centralização, ocorra ela através da aquisição mais ou menos pacífica ou pela ocupação do mercado deixado pela desagregação do capital concorrente.

Assim o aumento da escala dos capitais vai de mãos dadas com o aumento da produtividade do trabalho e, portanto, da composição técnica. Os capitais que avançam requerem cada vez menos força de trabalho relativamente ao capital que empregam.

Para Marx a super-população relativa é produto desse aumento contínuo de c/v , sendo essa super-população relativa sujeita a variações dramáticas ao longo das fases de expansão e contração da atividade econômica.

O contínuo aumento de c/v é qualificado por circunstâncias específicas relativas à diferenciação entre capital adicional e capital original e à diferenciação setorial das taxas de acumulação e de desenvolvimento da composição técnica.

O capital adicional que marca o processo de concentração se realiza com base nos últimos avanços da tecnologia e, portanto, absorvem cada vez menos força de trabalho. Já o capital anteriormente engajado, no momento de sua renovação, dá um salto técnico e repele parte da força de trabalho anteriormente ocupada. Os vários ramos da economia se distinguem tanto no que diz respeito à celeridade da acumulação quanto à rapidez de transformação de suas composições técnicas.

As transformações na composição técnica são aceleradas pelo processo de centralização que permite o crescimento dos capitais mais fortes independentemente do processo de concentração de capital. A centralização de capital, na medida em que resulta do emprego de meios de produção mais potentes, implica num aumento da c/v . Ao mesmo tempo, os capitais maiores que daí resultam constituem pontos de partida mais potentes para novas revoluções técnicas.

Não só se encurtam os períodos de acumulação com composição técnica constante como mais amplo e imediato se torna seu raio de ação sobre a base de uma produção progressivamente centralizada. Essa super-população relativa fornece o material humano para os períodos de rápida acumulação ao mesmo tempo que aumenta a escala da repulsão

nos momentos de crise. Esse processo de absorção e repulsão caracteriza uma fração do exército industrial de reserva, aquela que Marx denomina de *flutuante* e que gravita ao redor dos grandes centros industriais. O desenvolvimento do capitalismo na agricultura encontra uma super-população relativa na forma *latente* pois é uma reserva que continuamente fornece novos elementos para o proletariado urbano. A parcela da super-população relativa formada por trabalhadores com emprego muito irregular Marx denomina de *estagnante*.

Para Marx o desemprego de Keynes caracteriza apenas aproximadamente a camada do exército industrial de reserva definida como *flutuante*: aquela fração da força de trabalho disponível que perde o emprego ciclicamente para recuperá-lo durante a expansão econômica.

O quadro comparativo abaixo mostra as diferenças entre Keynes e Marx no que diz respeito à capacidade de absorção de força de trabalho no capitalismo.

Marx	Keynes
<i>Exército industrial de reserva</i>	<i>Desemprego</i>
Flutuante	Insuficiência de demanda efetiva
Latente	?
Estagnante	?
Pauperismo	?

O caráter não dinâmico e a-histórico da abordagem de Keynes (ausência de progresso técnico; ausência de setores não capitalistas; ausência de relações de gênero no processo de reprodução da força de trabalho; ausência do efeito do investimento sobre o tamanho da capacidade produtiva) tudo isso faz com que os pontos de interrogação no gráfico acima representem lacunas keynesianas plenamente cobertas pelo método de Marx.

7. Relação entre progresso da composição técnica e dinheiro como mercadoria

Como podemos relacionar os dois lados até aqui apresentados, quais sejam, tecnologia e dinheiro enquanto mercadoria-capital?

À medida que se eleva a taxa de acumulação mais se faz sentir o efeito das novas técnicas poupadoras de força de trabalho, ou seja, maior é o efeito de amortecimento da demanda de trabalho. Aumenta também a diferença entre a taxa de lucro e a taxa de juros o que faz com que o efeito do endividamento sobre a taxa de lucro calculada sobre o capital próprio se aproxime do seu máximo, fato que impulsiona os capitais a procurarem crescer com base no crédito.

A aceleração do crescimento também revela que inúmeros capitais têm um fundo de acumulação insuficiente em relação às necessidades imediatas de crescimento, fato que os tange a completarem seus fundos com recurso a empréstimos.

O resultado é que o ciclo tende a se encurtar justamente devido à celeridade com que se expande. Aos rápidos períodos de expansão impulsionados pelo crédito se sucedem períodos de retração. O dinheiro enquanto mercadoria na verdade comprime o ciclo de flutuações num período mais curto fazendo com que a camada *flutuante* do exército industrial de reserva se renove durante períodos mais reduzidos.

O aumento da aplicação de novas técnicas no período de estagnação faz com que as fases de recuperação emergjam com uma capacidade reduzida de absorção de força de trabalho, fato que implica que parte da fração flutuante fornece continuamente elementos para a fração estagnante do exército industrial de reserva. Este, por sua vez, lança novos elementos ao pauperismo de modo que os vários componentes da super-população relativa não só se transformam ao longo da história como são permeáveis entre si.

IV. Conclusões

A causa do aumento da super-população relativa ou exército industrial de reserva é o próprio capital, por vários motivos. O aumento da composição orgânica do capital faz decrescer a demanda relativa de força de trabalho. A diminuição da taxa de lucro leva a taxas de crescimento cada vez mais lentas o que significa um menor poder de absorção da

força de trabalho disponível. O aumento da escala eleva o efeito devastador da concorrência sobre os pequenos produtores e comerciantes ou os mantém na condição de pequena burguesia proletarizada, também disponível para o capital na forma *latente*.

O dinheiro adentra a análise apenas indiretamente de duas formas: a primeira diz respeito ao uso do crédito no processo de centralização de capitais. Na medida em que os capitais mais centralizados aumentam em potência e, portanto, ampliam as possibilidades de novos aumentos em c/v , podemos dizer que o crédito, dinheiro enquanto mercadoria capital, influencia o curso do desenvolvimento da superpopulação relativa. Do ponto de vista da fração flutuante, o crédito comparece como coadjuvante do movimento cíclico de acumulação e, portanto, como um dos fatores que impulsionam o boom e ao mesmo tempo fazem amadurecer mais rapidamente a possibilidade da crise e a conseqüente repulsão da força de trabalho pela retração do nível de atividade.

Esses são todos aspectos dinâmicos que contrastam com a análise estática de Keynes.

13. Referências

Domar, Evsey D. *Essays in the Theory of Economic Growth*. New York: Oxford University Press, 1957.

Germer, Claus M. “‘Economia Monetária’ ou ‘Economia Capitalista’? Marx e Keynes: sobre a Natureza do Capitalismo”. *Estudos Econômicos*, v. 26, n. especial, p. 51-81, 1996.

Itoh, Makoto. *The Basic Theory of Capitalism: The Forms and Substance of the Capitalist Economy*, New Jersey: Barnes & Noble, 1988.

Keynes, John M. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. New York/London: A Harvest HBJ Book, 1964.

Marx, Karl. *Capital: A Critique of Political Economy*, vol. I. New York: International Publishers, 1975.

Kenway, Peter. “Marx, Keynes and the possibility of crisis”, in John Eatwell and Murray Milgate (orgs.), *Keynes’s Economics and the Theory of Value and Distribution*. New York: Oxford university Press, 1983.

Sawyer, Malcom. “Money, Interest and Unemployment: Changes in Keynes’s Analysis From Treatise to General Theory”, in Fernando Ferrari Filho (org.), *Teoria Geral Setenta Anos Depois: Ensaio sobre Keynes e Teoria Pós-Keynesiana*, UFRGS Editora, 2006.

Wray, L. Randall. “Keynes’s Approach to Money: An Assessment After 70 Years”. *The Levy Economics Institute of Bard College*, Working Paper no. 438, Janeiro 2006.